

ORIGEN
DE LAS
MISIONES FRANCISCANAS
EN EL EXTREMO ORIENTE

(Continuación.) (1).

SUPLEMENTO AL ARTÍCULO IV (2)

El P. Jerónimo de Burgos llegó a Manila el día 24 de Mayo de 1582 (3), y por lo tanto no pudo presidir la expedición que salió de Manila para la China en los últimos días de Febrero de dicho año, que fracasó por haberla estorbado el gobernador Ronquillo (4). Quien presidió esta Misión, de la que no hablan los cronistas de la Provincia de San Gregorio, fué el P. Pablo de Jesús, que pretendía ir a Macao a visitar a los religiosos de aquel convento (5).

A los pocos días de haber llegado a Manila el P. Jerónimo trató de ir a Macao, para lo cual pidió licencia al Gobernador, y por más que éste impidió la expedición anterior, convencido, sin duda, de la inutilidad de sus negativas, o quizá porque le probaran los religiosos que su oposición contravenía a las órdenes que tenían del Rey, le dió su licencia para que pudiera hacer la jornada con otros cuatro religiosos (6), a los que se

(1) AIA, t. IV, págs. 225-50.

(2) AIA, t. II, págs. 202-28.

(3) Documento núm. 2 de este *Suplemento*.

(4) AIA, t. II, pág. 204.

(5) Doc. núm. 1.

(6) Doc. núm. 3.

a los portugueses de Macan la çertidumbre de la buena choronaçion de V. M., con la qual entiendo estará llana aquella plaça con la de Maluco...

Núm. 4.

Carta del Comisario de la India Oriental, Fr. Gaspar de Lisboa, al Rmo. P. Fr. Francisco Gonzaga, en la que le manifesta lo improcedente e inusitadas que son las amplias facultades concedidas al P. Martin Ignacio de Loyola por el Rmo. Comisario General de las Indias Occidentales.—Goa, 22 de Diciembre de 1585.

Ms. original. Archivo de Pastrana, Cajón 56, Leg. 2. Es de notar el lenguaje medio español que a veces usa el autor de esta carta.

Goa 1585.

Rmo. Padre nosso.

Em a sanctissima et paternal benção de V. P. Rma. me encomendo muj mucho. Depois de ter comessada mas não acabada la carta grande em que trato a V. P. as cousas desta Custodia largamente (1), chegou a estas partes orientaes frej Martim Ignaçio, et me deu hum maço de cartas para alguns frades, et huma uinha pera mjn, com media dozena de plantas sin stampas dos nossos gloriosos Martires, que logo mandej repartir pellos conventos, et polos a uista do pouo nas igrejas, pera edificação (2). A carta que V. P. Rma.

(1) Esta carta, cuyo original se conserva en el Archivo de Pastrana, lleva la fecha de 14 de Diciembre de 1585. Contiene 8 fols., que miden 320 × 225 mm. Las márgenes inferiores están muy destrozadas por la humedad, las que pueden restablecerse con una traducción en latín que se halla adjunta. En esta carta sólo se hace alusión al asunto de nuestros *Artículos* en las siguientes palabras: «Despois offereceose mandar o Visorej hum home ao reino por las Filipinas...; por elle escreui a V. P. Rssa. e dirigi minhas cartas ao P. Comissario General cismontano, e ali escreuia a V. P. Rssa. as cousas de Malaqua e as reuoltas que ha forçao sobre os Padres castelhaos nao quererem entregar a casa aos que V. P. mandou, e outras dissolucoes e desconçertos; e iuntamente mandé los papeles de todo para V. P. Rssa. uer e saber lo que se passó alhá.» No es cierto que los religiosos castellanos se opusieran a hacer la entrega del convento de Malaca a los religiosos portugueses; en lo que hicieron oposición fué acerca de la entrega del convento de Macao, por ser en contra de lo dispuesto por el Rmo. P. Ministro General. Véase AIA, t. II, págs. 217-8.

(2) Estos Mártires son los que padecieron en Tana el día 1 de Abril de 1320. Véase *Descriptio Fratris Odorici, de Ordine Minorum, de partibus infidelium*, caps. XIV-XXV, publicada por el P. TEÓFILO DOMENICHELLI, Prato, 1881. Tratando el mismo P. Gaspar de Lisboa de estos Mártires en dicha carta de 14 de Diciembre de 1585, ruega al Rmo. P. Gonzaga que pida al Papa se digne señalar día en el cual puedan rezar de dichos Mártires. «Deste Fr. Pedro, leigo (Fr. Pedro de Sena) —dice—, e doutros frades nossos que padecerao nesta cidade de Tana trata a segunda parte das *Chronicas* de nossa Ordem, lib. 7, onde se trata a ordem de seu martyrio.—Tabem (Tambem) peça V. P. Rssa. a Sua Sanctidade que de li-

me mandou tal uinha, et tanto de paj et tal pai et prelado meu que majs era pera se mandar imprimir et pregar pellos pulpitos que pera se ler priuadamente; et uerdadeiramente que de nouo me causou saudades de V. P. Rma., et que se me arrazaran los hojos dagoa quando llegué al punto em que me diz V. P. que jaa nos não veriamos majs nesta vida. Dará o Senhor mujta a V. P. Rma., et ainda que o não veja, o que me ha de custar muito, com ouujr nouas de sua saude et com lhe escreuer donde quer que estiuer de mim et nouas deste seu filho, com isto me alegrarej muito. Porque saiba V. P. que ajnda que seia Papa, como espero no Senhor, que então lhe hei de screuer mujtas vezes, et mandar pedir nouas suas et mandarlhe minhas, et pedir mujtas merçes spirituaes, se poder tanto comigo que me não vaa a Italia seruido do minino offiço de sua casa, como quem nem ainda he dino *corrígiam calceamenti tui soluere*.

Grande amor et mimo me mostrou V. P. Rma. em me dar tão particular (*sic*) nouas de suas cousas, o que muj mujto estimej et con que mujto me homrrej quaa, pois nisso me mostrou terme V. P. tambem por cousa sua, como *realiter* sou no amor et vontade que tenho de o seruir et no conheçimento das charidades et honrras con que me tratou et honrrou.

Folguej de elegirem o R. P. Picolomino em Prouinçial de sua Prouincia, por ser grande religioso em vida, virtudes et letras et por andar no sãgrado lado de V. P. Rma., que ainda spero que o faça cardeal, et eu o hej de ver ou ouujr. Mas tambem senti a perda que V. P. Rma. padeçerja com a abzença de tão grande amigo et companheiro, que se não acha a cada canto. Mas como lhe fica o Rdo. P. Sanctander, tão grande religioso et de tanta virtude et letras, algun aliujo ficarja a V. P. Rma. em seus continuos trabalhos.

Da morte do irmao frej Bartholome su companheiro de V. P. Rma. me pezou muito, porque era bom companheiro et muj amigo de V. P. Rma. Mas ao Senhor Deus muitas graças por ser seruido de dar fim a sua peregrinação. Eu, por amor de V. P., et porque era yo su deuoto mandej em cada conuento dizer hun nocturno con sua Missa cantada, et que celebrassem todos por sua alma; que por ser companheiro de V. P. Rda. o ouemos quaa por morador et filho

cencia para em outro dia se fazer a festa dos outros tres frades martyres que forao martirizados alem du rio na terra firme, onde se ha de aedificar (*sic*) una igreja, assi para bem da conuersão, como para tambem a memoria dos ditos tres frades Menores martyres.» LISBOA, *Chronicas de los Frayles Menores*, traducidas por Fr. FELIPE DE SOSA, Alcalá, 1577, trata de estos Mártires, no en el lib. VII, como dice el P. Gaspar de Lisboa, sino en el lib. VI, capítulos XXXV-XLIII.

desta Custodia, come he diuido que se fizesse não soo quaa mas en toda a Familia, et lhe mandej dizer huma Missa no altar de S. Antonio do conuento de Goa honde se tira huma alma. Dios por su misericordia le terá dado la gloria.

Tudo o majs que na sua carta me V. P. encomenda açerqua do que deuo fazer em o officio que tenho acuestas, y que a los buenos los fauoresca y consuelle y a los malos castigue y emiende, y que pois passei con tamanho poder com que nenhum outro ha passado a estas partes etc. faço tudo o que posso com o diuino fauor, et se não faço tudo o que entendo, he não por não querer, mas por não hir ao cabo con muitas cousas con que se não pode chegar no cabo, porque ou por ser melhor atalhar, ou por aprouejtar majs auisar que castigar, ou por outros muitos respeitos que en tão longinquas partes são necessarios, he melhor darlhe euasões et saidas con tanto que haja emmenda. O Senhor me dee forssas para poder com tamanha carga, sobrepoiantes (*sic*) a mis fuerssas. Los negocios son muchos, los remedios pocos, as soluções das diuidas (*sic*) et scrupulos tem tão longe sua disçizão (*sic*); o Sehor acuda.

Com a christiandade tenho grande conta, porque isso trago nos olhos, por mo V. P. tanto emcomendar, et o Cardeal por si et por el Rej. Et assi neste Capitulo que celebramos polla festa de Todos los Sanctos, trabalhey por por ministros da conuerção los que alhamos mas ydoneos et que humanamente o podião melhor fazer; tirej alguns velhos que achej nellas como em abadias et por descanssarem, como en confissionairos de monjas, et puz gen[te] majs forzosa pera el trabajo y obra tão meritorja. Et con tudo não se podem remedear as cousas como se de[ue], por que ha pouqa gente nesta Custodia et muitas obrigações de sustentar, conuentos et christiandades, que he grande pezo; mas o [Senhor] da *velle* iuntamente con o *perficere*.

[1v.] Este P. frej Martin Ignácio tem cheas estas partes que V. P. Rma. he feito Arcebispo, pienso que Albanensse (1), et que o Padre Gus[man] he Vigajro geral (2); mas diz de que loou (*sic*) en Lixboa isto et que o não sabe de certo. Este P. vem de Roma con hum breue do Papa pera hir preguar o sancto Euangelio et adminis-

(1) Este rumor resultó falso; pues el Rmo. P. Gonzaga continuó gobernando la Orden hasta el Capitulo General que se celebró en Roma el 1587. El 31 de Octubre del mismo año fué electo Obispo de Cefalú, Sicilia. Véase MELCHIORRI, *Ann. Minorum*, t. XXII, an. 1587, n. CXXI, pág. 173.

(2) Se refiere al P. Jerónimo de Guzmán, Comisario general de Indias, con residencia en la Corte. Véase TORRUBIA, *Chronica de la seraphica Religion*, lib. I, cap. XLVI. Roma, 1756.

trar os Sacramentos á China (1). Et o sseu breue não diz majs. Laa o mando a V. P. Veosse con esse breue a Castella, et pasoulhe o P. fraj Hieronimo de Gusmão huma patente em que o faz seu Commissario *cum plenitudine potestatis*, et que possa entrar por honde quizer; de que quaa pasmou o Visorrej et toda a Custodia por o P. Gusmão se meter no gouerno das Índias orientaes, honde V. P. Rma. tem a mjm por Commissario dellas, et elle ser somente Commissario das Indias occidentaes, et não tem quaa que fazer (2). Et se diz que tem de V. P. Rma. authoridade pera mandar quaa (o que cuido não terá, pois não ha necessidade diso) ouuera de mandar mostrar por honde pode quaa nestas partes. De maneira que se estranhou quaa mujto de todos.

Tambem se proueo o djto frej Martim de huma prouizão do Cardeal, con censuras, pera poder entrar na Cochimchina et não sej se diz Malaqua, do que muito majs se espantou o Visorrej, pois a Cochimchina veo o anno passado pellas patentes de V. P. Rma. encostada a Malaqua, de maneja que o Visorrej disse a frey Martin Ignácio que de nenhuma maneira entrasse na Cochimchina, pois era da jurisdicção da Custodia de San Francisco de Malaca, et que elle escreuerja a S. Magestade et ao Cardeal quan mal feito era mandarem de laa perturbarem as jurisdicções et perturbar a terra con alterações de nouo et con tantos Commissarios. Et ha verdade, parece

(1) He aquí este Breve:

Gregorius PP. XIII. Dilecto filio Martino Ignatio, Ordinis Fratrum Minorum de Observantia, Custodiae S. Gregorii Regno Chinae in Indiis, professori.

Exposuisti Nobis, quod cuperes in Regnum Chinae, a quo recedens ad Romanam Curiam te contulisti, cum nostra benedictione reverti, ibique verbum Dei, sicut alias fecisti, praedicare, et alia sacerdotis munera ad animarum salutem exequi. Quare Nos, ut pium hoc tuum propositum, gratia tibi assistente divina, valeas liberius adimplere, de apostolica benedictione prosequentes tibi, ac aliquot ejusdem Ordinis religiosos, quos tibi socios asciveris, accedente tamen carissimí in Christo filii Philippi Hispaniarum Regis Catholici consensu, ad praedictum Regnum Chinae redeundi, et ibidem sanctum Evangelium praedicandi, ac Sacramenta ecclesiastica ministrandi, aliisque circa haec necessaria ad conversionem infidelium, et animarum salutem pertinentia faciendi et exercendi, auctoritati apostolica, tenore praesentium, licentiam concedimus.

Praeterea tibi dictisque sociis tuis, vere poenitentibus et confessis, ac SS. Eucharistiae sacramento die ingressus in praedictum regnum, nec non in cujuslibet vestrum mortis articulo plenariam omnium peccatorum vestrorum indulgentiam, et remissionem misericorditer in Domino elargimur.

Contrariis quibuscumque etc.

Datum Romae, apud S. Petrum, die VIII Decembris anno XIII.

Caesar Glorierus.

Véase en MELCHIORRI, *Ann. Minorum*, t. XXI, an. 1584, n. V, pág. 430.

(2) Como el P. Martín Ignacio fué enviado a la China por Gregorio XIII, la que no caía bajo la jurisdicción del Comisario de la India Oriental, sino de la Custodia de Filipinas, a la que el Rmo. Gonzaga había respetado el convento de Macao, pudo muy bien el Rmo. Padre Guzmán nombrar al P. Martín Ignacio, Comisario de la Misión de China.

isto não sei que, et espantasse quaa esta terra de mandarem de laa hun fradinho a querer desfazer et tirar a jurisdicção a Custodia de Malaqua que V. P. com tanto trabalho et com tanta authoridade V. P. Rma. ordenou, mandando vinte frades do Rejno, com tanto aplauso et nome a fundar huma Custodia, a que tirou o nome de São Gregorjo et poslhe o seu de São Francisco (1), dandolhe a mjm por seu companheiro et Commissario, con tamanho poder, et dandolhe a Cochinchina. Et que todo isto uenha hum fradinho, sem patente, nem carta, nem recado, nem fumo (*sic*) de mandado de V. P. Rma., nem nas cartas que V. P. me escreueo me toca nelle, nem en sua ymichão (*sic*) estando elle com V. P. em Roma, et que lhe auia de mostrar o breue de Sua Sanctidade, sem V. P. Rma. de tudo isto nem delle me fazer menção, certo P. Rme. que fez quaa isto grande aballo, et que não sabem os homens que diguão a estas variedades, et inconstancias et pouca conta que se laa tem com as cousas destas partes, pois cada anna (*sic*) arrebenção tantas nouidades, tantos Commissarios a cada canto. Et ainda se V. P. Rma. o mandara ou trouxera letras suas, jaa não ouuera duuida. Mas virsse meter hum fradete na jurisdicção da Custodia de Malaqua, Custodia de V. P. Rma., com letras do Cardeal et de Paulo Affonço et do P. Gusmão, que quaa não he prelado nem tem que fazer com as Indias orientaes, como nos nem eu tenho deuer com as occidentaes, et nem trazer de V. P. Rma. nem do Rmo. P. Geral cismontano, que he nosso prelado tambem quaa; carta, nem patente, nem letra, he huma forte coussa esta, et quaa muito mal recebida. Et parece isto escarneo et zombarja.

Et por estas cousas os homens homrrados não querem pasar a estas partes, por escaparem a estas afrontas, que hum fradinho mancebo que não acaba de hir et vir a India et não se quieta (2), et que foj de quaa ha dous annos, et o prelado que veo das Philippinas mandou-me patentes suas, que tenho, et cartas como tudo o que frej Martim Ignacjo fizera era nullo, por não ser verdadeiro et legitimo prelado, pello que anulaua tudo o que fizera, et tornarão a fazer profi-

(1) AIA, t. II, pág. 215.

(2) Não creio que el P. Martín Ignacio merezca el reproche que en este lugar le hace el P. Gaspar de Lisboa, pues su regreso a Europa estaba justificado por la oposición que las autoridades de Malaca hicieron para que los castellanos no gobernarán el convento de dicha ciudad. El P. Martín había sido nombrado Custodio de los conventos de Malaca y Macao con independencia de la Custodia de San Gregorio; mas viendo que se le impedía ejercer su jurisdicción en dichos conventos, acordó pasar a las cortes de Madrid y Roma a defender sus derechos, lo que, en lugar de ser reprehensible, es digno de aplauso. Véase AIA, t. II, pág. 211.

ção aos choristas que frej Martim Ignacjo hauia feito proficção, por ser nulla, et o mesmo escreueo o sobredito prellado castelhano ao Visorrej de frej Martim Ignacjo (1); et que torne quaa esse frade com prouizões do Cardeal et de Paulo Affonço et com hum breue do Papa, sem' authoridade; approuação, confirmação, declaração, denunciação de V. Rma. P., nosso Geral, et estando em Roma com elle, he cousa forte por certo, et o Visorrej está mujto enfadado disto, et disse o frej Martinho que elle não conhoçia ao P. Gusmão por prellado nestas partes senão a V. P. Rma. et a mim em seu lugar, pello que por virtude do breue do Papa, que soo falaua na China, fosse laa, et ahi em Machao estiuesses sem entrar em Cochinchina, nem em outro lugar nenhum tocante a jurisdicção da Custodia de Malaca, a qual Custodia lhe el Rej et o Cardeal muito encomendarão et que V. P. Rma. lhe fizera merce de o hir vizitar a sua casa em Lixboa, et lhe encomendara esta Custodia muito, et que não podj aser que sem majs authoridade nem letras de V. P. Rma. elle viesse entrar polla jurisdicção da Custodia de Malaqua. (Et eu estaua presente.) Et assi ho ha de fazer frej Martim Ignacjo tee el Rej mandar dizer que cousa he esta et o que quer que se faça nisto, et como vem este frade.

Alem disto vem com poderes para escolher doze companheiros, dos quaes o P. Gusmão faz prellado. Et trouxe seis do Rejno (2), et querja leuar desta pobre Custodia de S. Thomé os outros. Et ouue quaa nisso enfadamentos, porque me tirou hum preguador et o leua consigo, que se chama frej Chrisostomo que estaua actualmente lendo latim a doze o quinze frades et pera da qui a menos de hum anno comessar de ler hum curso dantes et continuar com a Theologia; et todauia leuoumo; et queremsse hir com elle outros que sairão no Capitulo penitenciados et outros agrauados. Et estas afrontas, P. nosso Rmo., são intoleranejs et insofriuejs, et majs feitas por frades mançebos, et que hontem se foj daqui desta Custodia pera o Rejno, não sei como et com que letras, prelado et que o ouerão por intruso; afrontas feitas como diguo a huma Custodia, honde ha tantos

(1) El Prelado de Filipinas debió escribir lo que nos dice el autor de esta carta, porque la Custodia de San Gregorio estaba en la persuasión de que el P. Martín Ignacio, al que aun consideraba como súbdito, contravenía a lo acordado por el Rmo. Gonzaga al instituir la Custodia portuguesa de San Francisco de Malaca. Véase AIA, t. II, pág. 215. Por lo demás, si el P. Martín fué instituido Comisario de la Misión de China con independencia de las Custodias de Malaca y de la de San Gregorio, estaba en su derecho al recibir novicios en Malaca para conducirlos al lugar de su Misión.

(2) Según esto, el P. Martín Ignacio no condujo desde España o Portugal a la China sino seis misioneros. En AIA, t. II, pág. 224, apoyados en el testimonio de Gil González Dávila, dijimos que llevó a la China veinte religiosos.

Padres tão velhos et graues, de que estão muito afrontados et escandalizados, et verdadeiramente, P. nosso, que estiué pera me embarquar pera o Capitulo geral et deixá quaa os Padres da Custodia com frej Martim Ignácio que estaa quaa tido por (dado que bom frade) cabeça leue et não pera governo. Et assi me disse o Visorrej que o auja de escreuer a S. Magestade, porque assi o entendeo das praticas que com elle teue frej Martim.

Et o pior he que diz que o anno que vem, de 86, ha de vir do Rejno outro loco que de quaa foj, que se chama frej João Baptista, pera tomar aqui casas [em G]oa et honde quizer (1). Eu não me estreuo sofrer majs injurias nem afrontas feitas a esta Custodia em meu | 2r. | tempo. Se tal he não sei o que será. Deus remedee isto. Et assi como o Visorrej se agraua del Rej mandar de laa as cousas tão determinadas et concluidas que lhe não pode quaa dar remedio a muitas, auendo de deixalas a elle seu Visorrej, pera que quaa as ordene conforme ao que for melhor, pella experiencia que tem da terra et cousas, assi, Rmo. P. nosso, se podem agrauar os prelados destas partes dos prelados supremos que laa estão nessas, mandarem as cousas de laa tão aueriguadas et determinadas que não podemos quaa acodir a huma cousa que totalmente vemos que de laa vem com informações falsas, et que realmente he mau perjuizo comprirse como de laa se manda.

Tee gora os frades da Custodia de Malaqua que do Rejno vierão tiuerão esperanças que tambem terião a casa da China, et nelas se sustentauão; et cuidauão que os castelhanos lha vsurpauão, et esperauão pera este anno mandarem saber de V. P. Rma. se era sua ou não, dizendo claramente que se lha não dauão que se auião de tornar pera suas Proujncias (como cuidoo que farão agora, pois vem prelado o frej Martim pera a China) dizendo que os enganamos, que se elles em Lixboa souberão que lhes não dauão a China adiunta a Custodia de Malagua que não acceptarão o trabalho nem se exterminarão. Et acolhensse ao ingano; o qual trabalho ha de cargar sobre mim et eu não hej de poder com elle et ex (*sic*) outra alteração. Et, a verdade, Malaqua nada val sem a China, porque Malaqua não he majs que porta pera a China, por que he Malaqua muito pobre et falta de mantimentos, et não comem laa os pobres frades se não turbon, que são humas ouas, ouas de peixe, et val huma galinha dous

(1) Alude al P. Juan Bautista Lucarelli o de Pésaro, quien, como se dijo en el Art., t. II, pág. 222, había fundado en Italia, con autoridad de Sixto V, tres conventos para educar en ellos misioneros para la China.

cruzados, et dous arratejs de vacca hum cruzado, et trigo muito pouco. Et por derredor tudo são mouros que não querem o Euangelio, et se haa alguns gentios, jaa estão á conta dos Padres Dominiccos et dos Teatinos.

De maneira que se não podem sustentar os frades en Malaqua somente, porque tudo custa a pezo douro, porque tudo vem de fora, dum reino che se chama Java, cujo Rey se chama Malambuão, et he bebado, et soo pola menhan lhe falão. Deste reino vem o arros, as galinhas, os ouos, a manteigua; et tudo custa muito. Alem disso não tem por honde se espalhem a fazer christiandade, et tem a casa fora da cidade, a risco de os matarem cada uez que o Rej comareão quizer dar sobreles. Finalmente que os pobres frades con soo Malaqua não se podem conseruar, et cuidoo que largarão a cousa com a hida de frej Martim Ignácio, desenganados de não terem a China. Veja V. P. Rma. quem ha de dar quaa remedio a isto? et a quem me hei de socorrer? et de quem me hei de valer?

Quanto melhor fora fazer huma Custodia com Malaqua, Cochinchina, et China et Máchão, et hum Custodio sobre tudo, ou suieito a esta Custodia ou a Proviñcia, ou a quem Sua Magestade quizer, et far-se-hia muito seruiço do Senhor, et os religiosos poder-se-hiaõ sustentar et conseruar, et não terem a cada canto, ou cada rincon hum prelado, ali hum Custodio de huma soo casa, acolá hum Comissario doutra soo casa, que parece isto zombarja. Et V. P. Rma. auja de dar conta disto a Sua Magestade et que fizesse tudo huma Custodia com hum soo prelado, porque por si soo Malagua não ha daver quem a quejra habitar.

Agora hirá Fr. Martim Ignácio fazer outra asuada et humilhação na China lanssando o prelado et frades (1) que laa estão fora como

(1) Ya se dijo en el Art., t. II, pág. 219, la injusticia con que los portugueses expulsaron a los religiosos castellanos del convento de Macao; por lo que si el P. Martín Ignacio logró que devolvieran el convento a sus fundadores y antiguos poseedores, a nadie perjudicó en esto. Dificil es de creer que el P. Martín, por su propia autoridad, pudiera expeler a los franciscanos portugueses del convento de Macao. El P. Francisco Manrique, O. S. A., en carta fechada en Macao el 11 de Marzo de 1588, dice que salieron los religiosos portugueses de Macao de orden del Virrey de la India, con la cual disposición restituyó a los castellanos el convento que injustamente les había quitado. He aquí sus palabras: «El año pasado del 85 enbió el Virrey de la India una prouision por la qual quitaua el comercio dentre los portugueses y castellanos, y esto en quanto a las mercaderias, porque venían en menoscabo las alhóndigas de V. Magestad; y estendióse tanto el negoçio, que tambien se estendió a los frailes castellanos, y así, con harta flaca rrazon, quitaron el monasterio a los Descalços, que auían uenido de Manila cinco o seis años aua; los quales auían dado mucho exemplo y doctrina; los quales echaron con mucho escándalo y metieron religiosos portugueses. Y agora, uisto el Virrey el mal que auía hecho, y que V. Magestad no trataua de frailes, pues no éramos mercaderes, tornó a quitar a los portugueses el monasterio y le dieron al

os nossos frirerão em os lanzar de Malaqua et assi andará a nossa honrra em boca de seculares et majs os destas partes, et que numqua acabamos nem asentamos et que cada anno vimos com huma inuengão et nouidade, et estas vergonhas et afrontas padessen os que quaa estão, mas a causa dellas são os que de laa mandão as cousas tão desordenadamente et às çeguas, não tendo experiencia das terras, cousas et negoçios que quaa corren, et por não remeterem ao prellado que quaa está pera que tudo ordene como for majs seruiço de Deus, edificação de proximo, quietação, augmento et bom exemplo da Religião. Et o que mais de sentir he que somente nos nossos religiosos se vem quaa estas deshordens et não nos das outras Ordens, porque os prellados destas partes, por statuto, obseruancia et lej irreuocael tudo o que de laa despachão, assi no particular de cada frade et casa como no comum de todas, vem sometido a censura et parece (*sic*) do prelado destas partes, que ao olho está vendo o como se han de fazer as cousas pera majs seruiço de Deus et do augmento da Religião. O Visorrej escreue isto largamente à Sua Magestade. Esperamos pola resposta daqui a dous annos.

Esta carta que diguo que me frej Martim Ignácio deu de V. P. Rma., foj feita em Roma, a 12 de Dezembro de 84 (1). Outra me derão por via do Rejno, feita em Florençia, a 20 de Setembro de 84, na qual uossa paternidade Rma. me manda que lhê escreua largo, como et em que estado achej esta Custodia. Et porque na outra larga carta largo escreuo disso, nesta não direj majs senão que se V. P. quer ver esta Custodia prosperada et augmentada mande que não haja nella Capuchos, porque viuem sem ajudar a christiandade nem fazer conuersão, mas somente se recolhem das suas portas pera dentro tantos religiosos que podião ajudar a trazer almas ao gremjo da Igreja, et não estar occiosos comendo et bebendo, em partes honde por derredor delles estam tanto numero de infiejs, que seria melhor

P. Martín Ynacio, que agora vino de España. Todas estas cosas ya las sabrá V. Magestad. Tambien quisieron quitarnos a nosotros; mas yo túueme más rreçio con ellos, y así no pudieron; y uisto que andauan las cosas desta manera, determiné de irme a V. Magestad a dalle cuenta de todo con más entera rrelazion y que no se podían poner en carta; y cierto que si fuera, aua de ser oydo de V. Magestad y nuestro Dios y Señor seruido de todo.» Esta carta del P. Manrique se conserva original en el AIS, sig. 68.-I.-37, y de ella publicamos ya otro fragmento en AIA, t. IV, págs. 248-50

(1) Como el P. Martín Ignacio fué el portador de esta carta, fechada el 12 de Diciembre de 1584, y en 22 de Diciembre del 85 ya había estado en Malaca y en Macao, según se hace constar en la carta que a notamos, resulta que el P. Martín debió salir de Portugal en los primeros meses del 85, como dijimos con el P. Melchiorri en el Art., t. II, pág. 224, y que debió llegar a Malaca después del 14 de Diciembre del 85, pues en la carta que en esta fecha escribió el P. Gaspar de Lisboa al Rmo. Gonzaga, no se hace mención para nada del Padre Martín.

conuenter et morrer por isso, como fazem os frades do pano, et majs são frades que guardão sua Regra et viuem conforme a suas obrigações, porque nestas partes de tanta gentildade não basta uiuer pera si: *Non sibi soli uiuere, sed aliis proficere uult, Dei zelo ductus* (1). Et basta, como diguo, nestas partes duas casas de Recolectos, pello fim que os Statutos pretendem. Et V. P. Rma. saiba isto do P. frei Lopo, commissario.

Do majs, a Custodia. estaa bem et quieta, por agora, graças ao Senhor, ainda que falta de frades; porque são muitos hidos pera o Rejno, et não vem de laa nenhuns, et todos se querem hir da Custodia. Et agora pede o Capitulo que se faça lej no Capitulo geral, que quem quaa tomar o habito se não vaa pera o Rejno.

Quaa achej mujtas Patentes de V. P. Rma., pera frades se hirem de quaa; nenhuma guardej, porque me disse V. P. em Lixboa que as não cumprisse, que as passara com vergüença de caualheros y otra gente noble y por más no poder. Mas os frades estão mal comigo, porque os não dejxer hir. Se nestas hidas se não poem remedjo he impossuel poderse gouernar esta Custodia, nem conseruarse. Por isso os Teatinos se gouernão tam bem, porque los que quaa pasan quaa se quedan y no tornan alhá, sino por causa de culpas, o de los mandar la Orden a seruiço sujo. V. P. laa dee a isto remedjo, y haga hazersse alguna lej en Capitulo general, que quede pera sempre nesta Custodia que ninguem se vaa.

Quanto a lo que me diz de lo restante de la *Chronica* que hablas-se com fraj Hernando, no tengo que hazer en esso, pues mando lo que cogí por mis manos y trabajos.

Quaa disse frej Martín Ignácio que estaua passado hum breue do papa Gregorio 13, pera hum frej Francisco de Sancta Maria ter em [vi]da a | 2v. | reitorja de Santiago en Cranganor (2), por ser sobrinho de hum frej Vicente que la fundó ha quarenta et hum annos, et que por a pressa con que se ueo de Roma não trouxe o breue. Diguo, P. Rmo., que tal não venha quaa, porque o frade frej Francisco não tem maneira pera sustentar o pezo da christiandade daquelle Colegio de Cranganor, ni tiene cabeça pera isso. V. P. Rma. secreta-

(1) *Off. Sancti Francisci I*, ant. ad Laudes.

(2) Acerca del Colegio de Cranganore, véase GONZAGA, *De Origine*, P. IV, *Prov. S. Thomae*, pág. 1.215. En 1585 era Rector de este Colegio el P. Fr. *Esteuao d'Asunção* y profesores los PP. Fr. *Aleixo dos Anjos*, Fr. *Saluador de S. João* y Fr. *Simão de Luz*, corista, Lente de Gramática. Véase el *Estado de la Provincia de Santo Tomé*, firmado por el P. Gaspar de Lisboa, Custodio e Comisario das Indias Orientaes. Ms. original que se guarda en el Archivo de Pastrana. *Cajón 56. Leg. 2.*

mente lo impida, et deixem aos prelados de quaa por os Rejtores que lhes parescer, porque he hum collegio muj graue.

O que V. P. auia de fazer he pedir ao Papa que peça a El Rej que mande dizer ao Visorrej que nos mande fazer o dito Collegio, porque estaa pera cahir, et agora tenho mandado que o comessem a fazer de nouo; mas não ahi esmolla, senão somente quatroçentos pardaos que o Vissorej passado Dom Francisco Mascarenhas deu dum aluitre. Et tambem auja de pedir a Sua Sanctidade que não desse licença aos Teatinos pera fazerem hum collegio seis ou sete legoas do nosso, como El Rej, a instancia de Gregorio 13, nosso senhor, mandou fazer, mas ainda se não faz; porque nos he grande perjuizo ao nosso Collegio de Cranganor, et nos toma todo los portos pera fazermos christiandade, et insinarmos et instrujrmos aos christãos do apostolo S. Thome em a fe da Igreja Romana et seus sanctos costumes. Et fazenno os Padres Teatinos *in odium nostri*; por que andarão pera nos tirar o Collegio de Cranganor; et quando não poderão, por nos fazerem mal et dano, mandarão pedir a seu Geral que lhes ouuessé do Papa fazerem outro, que nos faz mujto dano. Et o anno passado escreuj isto a Sua Magestade. V. P. Rma. o aduirta disto, y de lo mas que yo tengo scritto a V. P. por uia das Phillipinas et Lucoes, as quaes cartas remiti ao Rmo. P. Commissario general cismontano pera as mandar a V. P. Rma.

Auerá como 4 dias que chegou a Goa hum veneziano, que vem laa dessas partes honde V. P. Rma. está, et ueo por via de Ormuz, fortaleza de Sua Magestade em estas partes. O qual veneziano deu nouas que o xá Tamas vencera o turquo, et lhe matara nouenta mil homens. Item disse majs, que era morto o papa Gregorio 13 et eleito em Papa o caldeal (*sic*) Montalto, Geral que foj dos Padres Conuentuaes (1). Et que V. P. Rma. se dizia que era jaa Cardeal (2). De tudo leuamos grande contentamento, por todas essas nouas serem boas; não sei se fala verdade. Se V. P. Rma. he jaa Cardeal mande-me hir alhá pera le servir em su casa de lo que mandare, que ainda que no tengo dentes tengo fuersas pera esso, y no me falta uoluntad de le servir, como por obrigacion tengo.

Pera minha consolação me faça charidade V. P. Rma. que me haja do Papa hum breue pera poder, em minha vida, que será breue, absoluer et ser absolto de todos os casos reseruados ao Papa et dis-

(1) Se refiere al Rmo. P. Félix Peretti de Montalto, que, al ser elevado al Pontificado en 1585, tomó el nombre de Sixto V.

(2) Este rumor resultó falso.

penssar con todas as irregularidades, ainda daquellas que o Papa tira con seus jubileus, et pera poder ter toda a authoridade reseruada aos prelados da Ordem *in vtroque foro, vel saltem in foro interio-ri*. Et isto seia por amor de Deus et de nosso Padre.

De maneira, Padre meu, que estas minhas cartas não escapão de tomar V. P. Rma. ou Cardeal, ou Arcebispo. Tudo seia pera gloria do Senhor et homrra nossa; mas ainda que assi o tomem, espero que V. P. Rma. tenha com esta Custodia muita conta, et zelle suas cousas como quando entrou em o officio de Geral.

Eu, P. Rmo., sou pobre et con isso me contento, et majs fujo de tomar nada, por causa de me não cautiuar. Com tudo, por meus amigos ouue huma pobreza, que mando a V. P. Rma., não por que cuide que lhe mando algo, senão pera lhe mostrar o amor que lhe tenho et como deseio seruilo; et a essa conta lhe mando esse no nada que vai de fora, com hum rot, que com esta vaj.

Eu escreuo a Sua Magestade que por nenhum modo se faça esta Custodia Prouincia; et digolhe que assi escreuo a V. P. Rma. et ao Capitulo geral.

Tambem mando a V. P. Rma. a patente que me mandou o prelado que estaua em Malaqua quando los Padres de la nueua Custodia llegaron allá (1). Et este P. está en la China honde se recolheo, despois que entregou a casa de Malaqua aos Capuchos. De laa me mandou essa patente em que anulaua tudo o que frej Martim Ignácio fizera, porque não foj legitimo prelado, mas intruso (2). Et veja V. P. Rma. quem tem esta certeza deste frade se se pode delle sospeitar que vem contra vontade de V. P. Rma., et que por isso se proueo do Cardeal et de Paulo Affonço. V. P. Rma. nos auize do que he isto et o que se nisto deue fazer.

Deus nosso Senhor de a V. P. Rma. todos os bens que pode el daa a seus verdadeiros seruos.

De Goa, a 22 de Dezembro de 1585 annos (3).

(1) El Superior de Malaca, cuando el P. Diego de la Concepción se hizo cargo del convento en 1584, era el P. Francisco de Santa María, que desempeñaba al propio tiempo el cargo de Comisario. Véase AIA, t. II, págs. 215-8.

(2) El P. Francisco de Santa María no pudo mandar las Letras Patentes que aquí menciona el P. Gaspar de Lisboa, por haber cesado su autoridad desde el 1584 y por estar a la sazón en Manila. Pudo mandarlas desde Macao el P. Agustín de Tordesillas por comisión del Custodio Fr. Juan de Plasencia, si bien desde el 11 de Agosto de 1585 el P. Tordesillas y los demás Franciscanos castellanos estaban ya despojados de su convento de Macao y se hallaban refugiados en la casa de un portugués, donde estuvieron hasta que pudieron embarcar para Manila. Cuando llegó el P. Martín Ignacio a Malaca, en Diciembre del 1585, probablemente estaría aún el P. Tordesillas en Macao.

(3) Al margen otra mano: «1585».

Diguo a V. P. Rma. em huma destas cartas, que lhe mando huma carta de hum capucho pera ver como tratão os de pano desta Custodia; a qual não mando, porque como lhe mandej dar huma paian (*sic*) em comunidade pellas palauras sujas (?) ficame a carta pera meu resguardo, mas as palauras são estas na verdade: «Alegrar-mej se meter a caminho (*scribebat enim cuidam amico*) et confundir esses descaminhados, como confio meterá et confundirá, pois em os contraminar vaj tanto. Não poupe imiguos de meu conçelho.» Estas são as palauras da carta do capucho contra os do pano. V. P. Rma. os aparte de nos et nos delles, se quer esta Custodia quieta et consolada.

Obedientissimo filho de V. P. Rma. y leal amigo suio

†
Fr. Gaspar de Lisboa.

Núm. 5.

Carta de los PP. Fr. Francisco Manrique y Fr. Martín Ignacio de Loyola, en la que avisan al Rey de las cosas que pasan en la China entre portugueses y castellanos; refieren su entrada en Cantón y la oposición que les hacen los PP. de la Compañía, de lo que piden oportuno remedio.—Macao, 6 de Julio de 1587 (1).

Ms. original del AIS, sig. 68-I-37.

En la margen superior.—Carta de los Padres Agustinos y Descalços a Su Magestad.

S. C. R. M.

Fr. Francisco Manrique, Prior y Vicario Prouiñcial de la Orden de San Agustín, y Fr. Martín Ygnaçio de Loyola, Comissario de los Padres Descalços de la Orden de San Francisco, en estas partes de China, entrambos juntos y todos los demás religiosos aquí estantes en la ciudad de Macao, que es en la gran China, de las dichas Ordenes, por descargo de nuestras conçiencias, y con propuesta verdad, sin fiçion, ni malicia alguna, mas de querer auisar a V. Magestad las cossas que por acá passan en tan levas tierras, y V. Magestad nos tiene encargado y mandado le auisemos de todo y que prouera en ello lo que más conuenga al seruicio de Dios nuestro Señor y al de

(1) De esta carta copiamos un fragmento de AIS, t. II, págs. 226-7, tomado de COLIN PASTELLS, lib. II, cap. XVI, pág. 406. Según nos dicen los PP. Angel Pérez y Cecilio Güemes, O. S. A., en las *Adiciones y continuación de la Imprenta en Manila de D. J. T. Medina*, pág. 610, Manila, 1905, esta carta la publicó íntegra D. CARLOS JIMÉNEZ-PLACER en la revista *España y América*, vol. VII, año III, págs. 312-4.

V. Magestad; y porque si estubiéramos entre gente castellana que concocen a V. Magestad y le tienen por su Rey y señor, poca neçesidad hubiera haçer nosotros esta diligencia y autorizarla con nuestras firmas y sellarlo con los sellos de nuestros officios, porque lo dieran por thestimonio en manera que satisficiera a V. Magestad; mas aquí no le ay naydie que quiera, y si alguno quiere no osa por miedos falsos, pues posponen todas las cosas al mandato de su Visorrey, ora sea el que fuere, y a la obediencia de los Padres Teatinos, que en esto son el todo, para persuadir por acá que sólo lo que ellos haçen es lo que conuiene y no otra cosa.

Lo que V. Magestad ha de saber primero es, que hemos procurado cada uno de nosotros por sí de comunicarnos con los chinos, así aquí en Macao, como en Canton, algunos días y muchos, y aun fiados de la misericordia de Dios, se hubiera hecho algun fructo, mas el temor que tenemos de no dar escándalo a los portugueses y a los dichos Padres que los persuaden que luego se han de alçar, y lo mismo dizen del Japon, lo qual todo, diçiendo verdad, no ay tal, porque lo tenemos ya por experiencia lo contrario; porque en Canton nos han recibido a vnos más a otros menos, por no querer cada vno pasar de aquello que al presente conuenia, y fuimos reçiuidos y que libremente dixésemos Missa, y al P. Fr. Martín Ygnaçio le dieron cassa para su recogimiento y dixesse Missa (1); aunque es verdad que muchas ueçes, y entonces quando alguno de nosotros estauámos en Canton, dezian Missa los Padres de la Compañía; empero aquí no quisimos aueriguar otra cossa, sino que no sólo no se escandalizan los chinos de las demás Ordenes, como somos nosotros, y qualesquiera que fuesen serian reçiuidos, si los dexasen poco a poco tratar con ellos; porque en sus cassas y templos nos reçiuen, y entramos dentro, como es en todo el mundo entre gente nueva. Empero estamos tan coartados que, aunque nos dispongamos todo lo que es en nosotros y se procura aprender la lengua y escritura, sirue de poco, porque ningun portugués, ni capitán nos osa lleuar (2). Y nos

(1) El P. Francisco Manrique, en la carta ya citada de 1 de Marzo de 1588, dice: «El Padre Fr. Martín Ygnaçio, Descalço, que vino agora despaña, está en Canton con dos compañeros; quando viniere, avisaré a V. Magestad de lo que á hecho, que ya de mi parte he dicho lo que sé.» Según esto, el P. Martín Ignacio estuvo desde el 1585 al 1588 al menos dos veces en Cantón, a probar si podría obtener licencia de las autoridades chinas para misionar en el interior del Imperio.

(2) El P. Manrique, en la carta citada, dice: «Señor, yo fui a Canton y con cuidado, en el camino, miré todas las cosas... Parece que nuestro Señor los llama y ablanda los corazones; pues no dexauan entrar en Canton a nadie y ya dexan que entren, y en sus casas y en las que quise entrar me ponían silla. Dixe Missa libremente quando quise, andueve toda la ciudad ueija y nueva y *metazoyes*, que son sus oratorios y sus santos y los alcoranes, sin

han notificado vna provision del Virrey de la India, que diçe que V. Magestad lo tiene por bien que no entren allá en la China ni en el Japon sino fueren los Padres de la Compañía (1); y persuaden los dichos Padres que es perjuicio de la christiandad entrar allá nadie; y presentaron vn Breue, que ninguno vaya al Japon, ni aún Obispo a haçer su officio, ni los demás a predicar, y con no tener el Breue las partes neçesarias para executarse, le executan (2); y tenemos nosotros otros Breues de mayor autoridad y no los quieren veer ni entender (3), todo, por no nos tragar, sólo por ser castellanos, no teniendo más raçon; por la gloria del Señor, procurando haçer lo que somos obligados cada uno en su causa, predicando y confesando ordinariamente y darles exemplo, que es raçon.

Del Japon nos han pedido y piden cada día, como ya V. Magestad tiene carta dello; y con todo eso, estamos coartados, y por otra parte esperando que V. Magestad mande lo que fuere seruido se haga (4).

pesadumbre de su parte, y si quisiera quedarme allá, pudiera, si no ouiera miedo de los portugueses y de los Teatinos, que an procurado cerrar el camino y entrada de todas las Religiones, alçándose con ella como con el Japon, que hazen entender que luego se an de leuantar, si ellos no lo hazen todo; y tienen puesto tanto miedo à los portugueses, que aun meterme en su nao para ir a Canton nunca osaron. Yo me embarqué por fuerça, y me tuvieron a la puerta de mi cassa dos días, Dios sabe con que intençion; y ellos que tratan sus cosas tan secretamente y con tantas cifras, que Dios me guarde dellas y a V. Magestad tambien, que no me hazen poca merced darme su habla y que no sean contrarios públicos. Entiendo que el Euangelio que nosotros predicamos, que no es como el suyo; pues buscan con tanto cuidado que nadie lo sepa y que sean solos. V. Magestad lo sabe, que antes que ellos fuesen en el mundo, los Padres Franciscos y Dominicos y nosotros teniamos predicado en Nueva España y Perú y Filipinas y las demás Indias que lo están oy día, sin tantas çerimonias de embargos de predicaciones. Ellos an predicado mejor, porque tienen títulos de Colegios y casi ninguna casa professa; más renta que todas las Hórdenes allá ni acá, y si no les van a la mano, será todo suyo; porque las Hórdenes no lo tenemos, sino es las limosnas de V. Magestad, y de aquellas damos a los nesçeitados. Paresçerle á a V. Magestad que me desmando y que mormuro; por la verdad moriré. Bien sé que V. Magestad no lo inora; mas, qué á de hazer, que paresce que todo es suyo y que de no se lo dár les hazen agrauio.»

(1) Así lo hizo constar el Virrey de la India D. Duarte de Meneses en una provision que dictó el 12 de Abril de 1586, que puede verse en la *Crónica* del P. JUAN FRANCISCO DE SAN ANTONIO, part. III, lib. I, cap. IX.

(2) Se refiere al *Motu proprio* de Gregorio XIII, que principia *Ex pastoralis officio nostro*, dado en 28 de Enero de 1585. CHARLEVOIX, *Histoire du Japon*, lib. IX, § VI, publicó un fragmento de este *Motu proprio*, que reprodujo el P. FRANCISCO JAVIER HERNÁNDEZ, S. J., en su *Colección de Bulas, Breues y otros documentos relativos a la Iglesia de América y Filipinas*, t. II, pág. 844, diciendo que falta el principio. Este *Motu proprio* lo publicó íntegro en castellano el P. Juan Francisco de San Antonio, l. c., y del texto latino conocemos algunas copias manuscritas.

(3) Se refieren al Breve *Exponi Nobis* dado por S. Pío V en 23 de Marzo de 1567, HERNÁNDEZ, t. I, pág. 397; al de Paulo III, *Ex debito pastoralis officii*, de 13 de Enero de 1569, HERNÁNDEZ, l. c., pág. 987; al ya copiado de Gregorio XIII, dado a favor del P. Martín Ignacio de Loyola, y al de Sixto V, *Dum ad uberes fructus*, de 15 de Noviembre de 1586, tantas veces citado en estos artículos.

(4) Acerca de esto véase el fragmento de la carta del P. Francisco Manrique que publicamos en AIA, t. IV, págs. 248-50.

Si emos de entrar a predicar en la China y Japon es menester V. Magestad lo mande con todo poder y penas a los capitanes, juezes, cámara y pueblo que nos lleben, fauorescan y ayuden, y que ninguno nos estorue, y a los Padres Teatinos que no se entrometan más de en su predicacion, como nosotros; porque de otra manera en balde estamos aquí para sólo los portugueses, que mejor nos fuera estar allá entre los nuestros.

El P. Fr. Martín Ynaçio va a dar quenta a V. Magestad, el qual lleua algunos papeles de la China y chapas (1), por donde verá V. Magestad más claro la maliçia de las partes que quieren lo contrario (2). Creemos que aunque diga algo, no dirá tanto como ay que decir; por lo qual todo, suplicamos a V. Magestad prouea lo que más conuenga, y a nosotros anime para lo que estamos aquí o nos mande nos vamos; que de lo que V. Magestad hiçiere estamos contentos, porque con auisar a V. Magestad de todo, no tenemos que tener escrúpulo, pues es a quien más le va la conuersion de las gentes y poner remedio en todo, como esperamos muy de veras sus capellanes y ministros que estamos puestos en estas partes por V. Magestad.

En Macao, ciudad de la gran China, a 6 de Jullio de 1587 años.

Fr. Francisco Manrique, Vicario Prouincial (3).

Fr. Martín Ynacio de Loyola, Comisario.

Fr. Francisco Ramos, Diffinidor (4).—Fr. Francisco Nogera, Di-

(1) *Chapa*.—Licencia por escrito.

(2) El P. Martín Ignacio de Loyola no se puso en viaje para España hasta el 12 de Julio de 1588, como dejamos anotado en AIA, t. V, pág. 91.

(3) Acerca del P. Francisco Manrique véase el *Catálogo bibliográfico de los religiosos Agustinos de la Provincia del Santísimo Nombre de Jesús de las islas Filipinas*, por Fr. ELVIRO PÉREZ, O. S. A., pág. 16, Manila, 1901.

(4) Fr. Francisco Ramos, hijo de la Provincia de Valencia, pasó a la China en 1585 con Fr. Martín Ignacio de Loyola. El 12 de Julio de 1588 se embarcó para Méjico junto con los PP. Fr. Martín Ignacio, Fr. Francisco de Noguera y un tal Fr. Rufino. (Véase la *Relación del viaje y nauegacion que el capitan Pedro de Unamunu á hecho desde la isla Macarera, que está una legua de la ciudad de Macan, en la fragata Nuestra Señora de Buena Esperança, ya citada*.) En Méjico se agregó a la Custodia de San Gregorio, y el 9 de Julio de 1592 llegó a Manila, presidiendo una Misión de diez y seis religiosos. (Véase TORQUEMADA, *Monarquía Indiana*, lib. V, cap. XXXIV, donde publica una carta que seguramente es del P. Francisco Ramos.) En Filipinas fué destinado al ministerio de Saryaya; allí estudió el idioma tagalo, y habiendo enfermado su compañero, fue con él a Manila, donde le acometieron unas fiebres malignas que le llevaron al sepulcro, sin que se pueda precisar el día, mes y año en que falleció. Murió cantando el *Te Deum laudamus*. El P. LA LLAVE en su *Necrologio* le coloca entre los que fallecieron en el trienio V, años 1591-1594. De este religioso hacen grandes elogios los PP. LA LLAVE, trienio V, cap. XIV; SANTA INÉS, lib. II, cap. XXX; PUGA, lib. II, cap. XVIII, donde dice que murió en 1593; MARTÍNEZ, lib. I, cap. XVIII, y PLATERO, pág. 75. El P. Platero es el único que da noticias exactas de este religioso, excepción hecha de la fecha de su llegada a Manila, pues afirma que llegó en el mes de Mayo de 1592, siendo así que fué en 9 de Julio, como puede verse en Torquemada, l. c.

finidor (1).—Fr. Diego Despinal (2).—Fray Diego Despinal (3).—
Fray Nicolás de Tolentino (4).—*Rubricadas.*

Hay dos sellos en cera blanca, pertenecientes a los PP. Fr. Francisco Manrique y Fr. Martín Ignacio de Loyola.

P. LORENZO PÉREZ,

O. F. M.

(*Concluírd.*)

(1) El P. Francisco de Noguera es, sin duda, uno de los religiosos que acompañaron al P. Martín Ignacio desde España a la China; de él no tenemos más noticias que la que se da en esta carta, y que hizo el viaje a Méjico desde Macao en la fragata del capitán Pedro Unamunu, como se hace constar en su *Relación*.

(2) Fr. Diego Despinal o de Espinar, véase el *Catálogo* citado del P. ELVIRO, pág. 10.

(3) Fr. Diego Despinal o de Espinar, ELVIRO, pág. 35.

(4) Fr. Nicolás de Tolentino, ELVIRO, pág. 35.